

**Ana Gabriela Macedo**

Universidade do Minho

## **A Literatura Comparada não é um *no-man's land***

Nesta minha breve intervenção na mesa-redonda *Horizontes da Literatura Comparada*, proposta pela Professora Maria Alzira Seixo no âmbito do VII Congresso da APLC realizado na Universidade de Aveiro em Dezembro de 2012, comemorando os 25 anos da Associação, proponho-me reflectir brevemente sobre o “state of the art” da disciplina em Portugal, através de um olhar, necessariamente pessoal, sobre alguns dos momentos da vida da Associação em que estive mais directamente envolvida, e que por sua vez se cruzam com e reflectem conceptualizações e inquietações quanto ao campo específico e ao objecto da disciplina, que notoriamente extravasam fronteiras geográficas e quaisquer localismos. Pretendo contudo, antes de mais, felicitar a Comissão Organizadora deste Congresso pelo evento e pela escolha deste tema, “Pensar o Comparatismo. Percursos, Impasses, Perspectivas”.

I– Recordo assim que, após a fundação da APLC em Maio de 1987, no primeiro número da sua revista, a *Dedalus*, se afirma no seu Editorial (de Julho de 1988): “Neste terreno de estudos, sabemos como privilegiadamente a diferença se articula com a identidade, o específico e situado com as vastas determinações do comum e do universal. Porque a literatura Comparada é, afinal, a literatura toda”. Este Editorial é assinado por Maria Alzira Seixo, primeira Presidente da APLC, que viria a ser eleita em 1991, no Congresso de Tóquio, Presidente da AILC, para um mandato de três anos.

Salientam-se ainda neste Editorial os seguintes conceitos e estratégias basilares desta área de estudos:

- 1– O confronto entre a reflexão individual e as orientações diferenciadas.
- 2– A divergência múltipla deste campo de estudos.
- 3– O objectivo de uma determinação coesa orientada por uma matriz comum.
- 4– O confronto do específico e do situado com as vastas determinações do comum e do universal.
- 5– E, por fim, a afirmação, [que eu leio como um desafio], que a literatura comparada é a literatura toda.

II– Passo agora para um segundo momento que vivi de perto, (ciente de que toda a leitura é parcial e informada por uma pertença), que foi a realização do 2º Congresso da APLC, no Porto (ou melhor entre o Porto e Matosinhos), sob a coordenação da Professora Margarida Losa, então Presidente da APLC, e cuja comissão organizadora integrei. O Congresso teve lugar em Maio de 1995, sob o título *Literatura Comparada. Os Novos Paradigmas*. Gostaria de chamar a atenção para a Nota de Abertura do volume de Actas do Congresso, da autoria de Margarida Losa, na qual se afirma:

Nós somos, de facto, por um lado, os generalistas da literatura. Por outro, porém, nós somos também os pesquisadores de minudências (...). A literatura de todo o mundo e de todos os tempos é o nosso objecto de pesquisa. Para o tornar mais manuseável, nós estabelecemos áreas, segmentações da mais variada ordem. Analisa-se e compara-se em função de um termo de comparação. No estabelecimento desse *tertium comparationis*, no delimitá-lo e defini-lo teoricamente, está em grande medida a arte do comparatista. (1996:11)<sup>1</sup>

E mais adiante, diz-se:

---

<sup>1</sup> *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas*, orgs. Margarida L. Losa, Isménia de Sousa, Gonçalo Vilas-Boas, Porto: Afrontamento, 1996 (pp. 11-12).

Hoje em dia, quando se fala, por um lado na *aldeia global*, e, por outro lado, na multiplicação dos conflitos regionais e na desagregação das nacionalidades, a Literatura Comparada assume-se como veículo privilegiado para a manutenção do diálogo entre todos. A cultura, o sonhar dos povos, persiste para além das fronteiras geográficas e políticas. (Ibid.)

Entre as afirmações de Maria Alzira Seixo e de Margarida Losa quanto ao objecto e objectivos da Literatura Comparada, parece-me ser grande a sintonia, tendo por base a afirmação de um vastíssimo campo de trabalho que se define sempre num contexto de relações, diálogos e vozes, prestando atenção à presença do “ruído do mundo” na literatura e, como tal, à profunda implicação desta no social.

Emana dos dois textos uma pertinente questão comum que importa trazer a este debate, reformulando-a enquanto pergunta: a amplitude, a vastidão do objecto da Literatura Comparada mantém-se? Será ainda válido, será ainda legítimo, falar nestes termos? Ou será que cada vez é mais das “minudências” que a Literatura Comparada se ocupa? Estaremos assim a perder de vista as “grandes questões”, tais como, a literatura como espaço privilegiado de interacção (texto literário/ texto social) ou território de ressonância do “diálogo entre os povos”, assim como da sua conflitualidade?

A Literatura Comparada estuda-se e ensina-se em várias Universidades portuguesas e há vários Centros de investigação no país cuja definição de universo de pesquisa se fundamenta no Comparatismo, nomeadamente o Centro de Estudos Comparatistas da FLUL, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da FLUP e, em larga medida, o Centro de Estudos Humanísticos da UM. Neste contexto parece-me importante referir o trabalho que tem vindo a ser feito no sentido de uma cada vez maior busca de “sentidos novos para o Comparatismo” por um cada vez maior grupo de jovens pesquisadores, associados aos vários centros de investigação do país, mestrandos, doutorandos, pós-doutorados, que têm trazido novas inquietações, novas matérias, novos olhares à disciplina, que cada vez me parece ser mais apto definir como uma “*indisciplina*” no sentido da sua cada vez maior ancoragem na intertextualidade e interface com outras áreas do saber (sejam elas as Poéticas Visuais, os Estudos de Tradução, os Estudos Feministas, a

Tecnologia e os média, a Antropologia, o Direito, a Psicologia, etc.). Saliente-se ainda a Literatura Comparada como um espaço “nómada do saber”, no qual se enfatiza “o descentramento de lugares de origem, supostamente produtores de saber”, nas palavras argutas da colega e investigadora brasileira Eneida Maria de Souza <sup>2</sup>.

De modo igualmente pertinente e impactante, porque gerador de influência e de pensamento crítico, as publicações na área multiplicaram-se entre nós nas duas últimas décadas, contagiando-se de modo fértil – Revistas e Cadernos de Literatura Comparada, editadas pelos próprios centros de investigação, empenhadas na difusão e alargamento do tal “espaço nómada do saber” e campo de possibilidades múltiplas, que a Literatura Comparada representa e reivindica para si, constituindo-se como matéria particularmente aliciante para os que, mais jovens, chegam ainda à Literatura hoje. Entre as várias publicações havidas, gostaria de salientar a Antologia *Floresta Encantada. Novos caminhos da literatura comparada*, (organizada por Helena Buescu, J. Ferreira Duarte, Manuel Gusmão) <sup>3</sup>, que oferece uma excelente simbiose de textos matriciais em tradução e textos originais em português, que assinalaram os “novos caminhos” do comparatismo na viragem do século.

Uma outra pertinente questão a trazer a este debate, será se poderemos ainda perguntar-nos se existirão novíssimos caminhos da Literatura Comparada hoje? Ou, pelo contrário, se a porosidade da disciplina denuncia uma (‘anunciada’) fragilidade estrutural? Ou ainda, haverá um *pós-comparatismo*? E, em caso afirmativo, quais serão estes? Muitos temeram pelo futuro do Comparatismo frente ao avanço dos Estudos de Tradução como disciplina, por exemplo. O mesmo poderíamos pensar hoje face ao estabelecimento dos Estudos Pós-coloniais na academia, ou do entusiasmo crescente perante as Poéticas Visuais, como campo de trabalho e objecto crítico. Estarão

---

<sup>2</sup> Eneida de Souza, “A Literatura Comparada como espaço nómade do saber”, *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.2, S. Paulo, 1994 (19-24), p.22.

<sup>3</sup> *Floresta Encantada. Novos caminhos da literatura comparada*, orgs. Helena Buescu, J. Ferreira Duarte, Manuel Gusmão (Lisboa: Dom Quixote, 2001).

estas disciplinas a “usurpar” o lugar da Literatura Comprada hoje, nomeadamente entre os investigadores mais jovens?

Quanto a estas questões, que a meu ver traduzem uma fértil polémica em torno do território próprio da Literatura Comparada ou, melhor dizendo, dos Estudos Comparatistas, não se trata, creio, da imposição de novos discursos críticos como se de novos discursos hegemónicos se tratasse, ou mesmo da criação de contra-discursos no seio da própria teoria crítica, mas antes, creio, aqueles deverão ser lidos como fruto da necessidade de uma continuada e atenta aferição dos ruídos do mundo no literário e vice-versa, assim como da complexa teia de relações dialógicas e intertextuais a nível da teoria crítica e do comparatismo que não podemos, nem devemos ignorar, se queremos continuar a defender a contemporaneidade e flexibilidade auto-reflexiva, deste (felizmente ainda jovem), campo de estudos.

III– Importa ainda ressaltar que foram, ao longo da última década, criados com grande sucesso novos cursos, particularmente ao nível da pós-graduação, Mestrados e Doutoramentos, em distintas Universidades portuguesas que atestam o impacto e atracção da disciplina entre os mais jovens. A este respeito permitam-me que refira o recentemente criado *Programa Doutoral em Modernidades Comparadas. Literaturas, Artes e Culturas*, na Universidade do Minho (CEHUM), que tem recebido excelente adesão por parte dos estudantes. Será portanto legítimo dizermos que a transversalidade dos campos de pesquisa e o “descentramento” anteriormente referidos como características primordiais dos Estudos Comparatistas não são sintoma de fragilidade do campo ou de menor coesão da disciplina e do seu método, mas antes traduzem uma atitude positiva perante as Humanidades permanentemente “em crise”, assumindo-a e confrontando-a.

IV– Queria ainda brevemente referir a experiência de organização na Universidade do Minho do VI *Congresso Nacional da APLC*, que pela primeira vez aí se realizou em Novembro de 2008, focando o tema das “Cumplicidades Comparatistas. Origens, Influências, Resistências”, e no qual o mote foi precisamente propor uma reflexão sobre o “nomadismo” da disciplina e as questões da interdisciplinaridade; os

novos desafios que a disciplina enfrenta face ao multiculturalismo, às novas literaturas emergentes, à rápida falibilidade das teorias e da crença em discursos universalistas e homogeneizantes. E ainda, um olhar crítico sobre a pretensa “morte anunciada” da disciplina nos discursos apocalípticos da resistência à crescente desterritorialização do pensamento crítico, à ansiedade perante a inter e a multidisciplinaridade e perante o estabelecimento do conhecimento em rede.

Deste Congresso foi feita uma publicação *online* integral das comunicações havidas e um dossier de textos seleccionados publicado na revista *Diacrítica* do Centro de Estudos Humanísticos, que dá a ler um substantivo conjunto de textos críticos da autoria de influentes estudiosos nacionais e internacionais do Comparatismo <sup>4</sup>.

Por último, *last but not least*, queria reiterar que a APLC tem tido, enquanto Associação ao longo dos 25 anos da sua existência, um papel fulcral na dinamização das Humanidades em Portugal e na afirmação da sua visibilidade internacional que importa sem dúvida assinalar e, sobretudo, lutar para que ela não perca a juventude que a caracteriza e a caracterizou desde o início. Seria longa a lista de quantos, professores e investigadores, ajudaram ao estabelecimento e reconhecimento da disciplina entre nós e lutaram pela sua internacionalização. Alguns deles foram já aqui nomeados, muitos outros que não couberam neste breve texto, são igualmente merecedores do nosso reconhecimento. Pelos vários Congressos realizados em Portugal foram passando investigadores internacionais da mais elevada craveira, laços pessoais e profissionais foram-se estreitando, redes académicas e de investigação foram sendo criadas ao longo destes anos, que indubitavelmente foram cruciais para o crescimento da investigação comparatista realizada em Portugal.

Termino recorrendo às palavras de um *scholar* internacional que esteve presente num dos nossos Congressos, Astradur Eysteinnsson, (por sua vez discípulo de Susan Bassnett), que num texto publicado no

---

<sup>4</sup> “Dossier de Literatura Comparada”, org. Ana Gabriela Macedo, *Diacrítica*, 24/3, Húmus/CEHUM, 2010. [http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes\\_diacritica.php](http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes_diacritica.php)

“Dossier de Literatura Comparada” acima referido da revista *Diacrítica* (2010) afirmou:

Comparative Literature, from this vantage point, is **not a no-man's land**. It is a cross-cultural and transnational way of approaching, enjoying, and working with literary and other cultural texts (including visual signs) which link with the local scene wherever it may be. It can even be seen as a way of infiltrating that culture (...). It is a mode of rereading the local culture through foreign spectacles, while staying aware of the ways in which the local may bend the ‘universal’. (p.36)

A Literatura Comparada não é portanto uma *terra de ninguém*, mas bem pelo contrário, como sugere risonhamente o colega islandês, uma espécie “infiltrada” na cultura local, qual contrabando que a alfândega da cultura local permissivamente deixa entrar nas suas fronteiras, constituindo-se assim como uma “wild zone” ou porto franco literário e cultural.